

O corpo do outro: O guerreiro gaulês nos comentários às guerras das Gálias de Júlio César.

Priscilla Ylre Pereira da Silva¹

Resumo: Neste artigo, temos por finalidade analisar, num primeiro momento, a relação galo-romana no período do final da República e a importância das características e práticas corporais na elaboração da imagem do homem gaulês. Apoiando-nos principalmente nos relatos de Júlio César (100 – 44 a.C.) acerca de seus oito anos de campanha militar nas Gálias, compilados em seus *Comentários*. Num segundo momento, enfatizaremos as características atribuídas aos guerreiros gauleses e as mudanças nas técnicas militares ao decorrer do crescimento do contato com o mundo grecorromano.

Palavras-chave: alteridade; bárbaro; corpo; César; Gália.

Considerações iniciais

A construção de estereótipos e as dicotomias existentes entre selvagem/civilizado, romano/bárbaro, e inúmeras outras, ocupam um importante papel na historiografia acerca do Mundo

¹ A autora é graduanda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR). É voluntária de Iniciação Científica (PIVIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, ora designado CNPq, com o subprojeto intitulado *A representação do corpo do guerreiro gaulês nos Comentários das guerras das Gálias de Júlio César* sob orientação do Professor Dr. Gilvan Ventura da Silva. Contato: pris.ylre@hotmail.com.

Antigo. É importante ressaltar que no momento do ápice imperialista e do surgimento de fortes movimentos nacionalistas, os estudos publicados nos séculos XIX e começo do XX acerca do Império Romano e das relações entre Roma e as províncias conquistadas costumam tratar da Antiguidade utilizando noções que se aplicariam à sua própria realidade. De acordo com Hingley (2005), a maioria dos historiadores de Antiguidade deste momento, como Mommsen e Jullian, exploraram a sociedade antiga utilizando noções dicotômicas, principalmente a oposição entre romanos (civilizados)/ bárbaros (selvagens). De fato, muito do embasamento desses autores foi proveniente de textos clássicos, que utilizam o termo “bárbaro” para caracterizar aqueles que não viviam sob os costumes romanos. O conceito de “romanização”, concebido neste período, partia do princípio da cultura romana como a civilização, que seria imposta aos autóctones das regiões conquistadas, em prol do progresso civilizatório.

O conceito, porém, assim como as noções modernas utilizadas para a interpretação da antiguidade romana sofreram múltiplas mudanças durante o século XX. Diversos acadêmicos focaram-se na problemática acerca da renovação desses conceitos e noções. As dicotomias passaram a ser contestadas, assim como a renovação de sentido e até mesmo o abandono da ideia de romanização foi, e ainda é, constantemente discutida pelos pesquisadores. Explicar uma sociedade de forma dicotômica acaba

simplificando as relações sociais que ocorrem em seu interior. As relações entre romanos e gauleses, ou entre os próprios habitantes da península itálica não podem ser definidas como o contato entre dois blocos culturais uniformes e totalmente distintos, cujo superior impõe os seus costumes àquele inferior. Para o entendimento da complexidade das sociedades antigas e de suas relações de identidade/alteridade deve-se estudar a sociedade como um conjunto heterogêneo, de grupos de identidades fluidas e mutáveis, em constante construção e reconstrução, que concebem representações do outro para a própria afirmação de sua identidade.

Por meio das noções de representações de Chartier (2002) pretendemos, em um primeiro momento, apresentar as relações entre o mundo grecorromano e os povos habitantes das regiões recém-conquistadas do norte, ressaltando os aspectos da construção do estereótipo do homem gaulês e o impacto das características e práticas corporais nas conclusões de um espectador nos relatos sobre o *outro*. Em seguida trataremos, utilizando principalmente os *Comentários às guerras das Gálias* de Júlio César, das características atribuídas aos guerreiros celtas pelos romanos e as gradativas mudanças no comportamento em campo de batalha após o estreitamento dos contatos com o mundo grecorromano.

O mundo greco-romano e a representação dos gauleses

O Mediterrâneo antigo reunia um notável número de povos, etnias, tribos, grupos e cidades, classificando-se como multicultural por excelência. O intercâmbio entre estas categorias ocorreu por meio de conflitos armados, contatos comerciais, sociais e culturais. As variadas formas de contato entre os povos interferiram na fluidez e na porosidade das fronteiras do Mundo Antigo. Derks (2009, p: 242) afirma que as fronteiras na Antiguidade, principalmente no período da expansão territorial romana, são melhores descritas como zonas de interação entre um poder intruso e uma tribo nativa dentro de sua esfera de influência. As fronteiras nesse mundo poderiam ser de isolamento ou caracterizar-se como zonas de negociação, cooperação e conflito, extremamente mutáveis e que abrem percursos, canais, corredores e trajetos (GUARINELLO, 2010, p: 120). De acordo com Gruen (2010, p: 3), as delimitações de características comuns, traços, qualidades, valores, e até mesmo origens que identificavam e proviam coesão a uma determinada comunidade, assim como suas fronteiras, estavam sempre em processo de formação e de reformulação. O autor prossegue sua reflexão alegando que, frequentemente, muitos pesquisadores resumem os mecanismos de diferenciação utilizados por essas sociedades como apenas o de contraste com o *outro* por meio da criação de um espelho distorcido que acentua os traços excepcionais de uma sociedade e os contrapõe

às características negativas de outra. Queremos explicitar, que o processo de construção da imagem do *outro* não ocorre simplesmente por meio de atribuições negativas para engrandecer o grupo que a forja, e, que os estereótipos são maleáveis e mutáveis. Por exemplo, nos próprios *Comentários às guerras das Gálias* de César podemos verificar mudanças na imagem dos gauleses como “brutos”, quando o autor alega não poder mais compará-los em coragem e força com germanos, já que haviam se acostumado a uma variedade de confortos provenientes da província romana na Gália Transalpina.²

Os *Comentários* são compostos por oito livros, correspondentes a cada ano de campanha nas Gálias, sendo o oitavo de autoria de Aulo Hirtio. A maneira pela qual foi composto não é clara, há indícios de que cada livro seria uma espécie de carta endereçada ao Senado, comumente enviada por generais no inverno depois do final de uma temporada de campanha, assim como se pode alegar que César escreveu os livros como uma unidade, após o final dos acontecimentos do sétimo livro. É possível afirmar, porém,

² Era denominada Gália Transalpina todo o território que se estendia além dos Alpes, encontrava seus limites entre o Reno, os Pirineus, os Alpes, o Mediterrâneo e o Oceano Atlântico. Foi denominado dessa forma em contraponto com a Gália Cisalpina, aquém dos Alpes. César refere-se, nos *Comentários*, ao território sob a dominação romana na Transalpina como a “Província Romana”, este recebe a nomeação de Gália Narbonense após a campanha de César nas Gálias, no período do Principado de Augusto.

que por volta de 46 a.C. os *Comentários* estavam disponíveis para leitura na cidade romana (KRAUS, 2009, p: 160). A relação entre o mundo grecorromano e os gauleses é um elemento central à nossa discussão sobre a narrativa de Júlio César. Acredita-se que houve uma intensificação de contatos entre gregos, romanos e gauleses por volta do século IV a.C., em um período no qual Roma era apenas uma cidade na Península Itálica. Por volta de 390 a.C. uma horda de gauleses desceu do Vale do Pó em direção ao sul e, devido ao desacordo em uma negociação diplomática, invadiu e saqueou a cidade de Roma. É importante ressaltarmos esse acontecimento, pois ele se fixa na memória dos romanos, tornando-se ferida em seu orgulho, o que contribui na formulação dos aspectos negativos agregados ao estereótipo do “bárbaro” gaulês. O saque de Roma, porém, não foi o único evento conflituoso entre os romanos e as tribos do norte. Diversos choques militares aconteceram durante os séculos seguintes, nos quais os gauleses, quase invariavelmente, ocupavam o posto de inimigos dos gregos e dos romanos.

Os estereótipos que circulavam no Mediterrâneo sobre os habitantes das terras do norte, eram repletos de características depreciativas. Tais habitantes eram representados como indivíduos que bebiam exageradamente, que cediam à ganância, sempre inconstantes, não confiáveis, divididos no interior de sua sociedade e incapazes de manter uma ofensiva quando sua vitória não parecia mais segura, apesar de impressionantes em seu ataque inicial

(GRUEN, 2011, p: 141). Seus atributos físicos diferenciados também não eram despercebidos. Em comparação aos romanos e gregos, os gauleses possuíam uma estatura avantajada, sendo descritos, quase que invariavelmente, como homens mais altos, robustos e detentores de muita força bruta. O corpo másculo, saudável e viril assumia um papel importante na cultura beligerante destes homens. Podemos ver a manifestação dessa preocupação com o corpo em Cunliffe (1999, p. 4), quando este escreve que Aristóteles (384-322 a.C.) nos informa sobre a existência de diversas regras rígidas entre os celtas acerca da manutenção da saúde e da força corporal, como o costume de deixar as crianças na neve para que se acostumassem ao frio, crescendo sem nenhuma fraqueza, e a punição que recaía sobre os homens que apresentassem sinais de excesso de peso.³

O *corpo* apresenta-se como um tópico recorrente nas fontes que tratam dos celtas, principalmente no que diz respeito ao guerreiro. O sentido de corpo que trataremos aqui não se restringe à

³ Ao escrever sobre os diferentes grupos étnicos que habitavam as Gálias (*BG* 1-1), César divide-os em três, os aquitanos, os belgas e os gauleses, sendo que estes últimos chamavam-se de celtas em sua própria língua. Barry Cunliffe (1999, p. 2) explica de uma forma simples que celta (*Celtae/Keltoi*) era o nome comum que as pessoas do norte dos Alpes até a Ibéria eram conhecidas pelo mundo clássico e por eles mesmos, e gauleses (*Galli/Galatae*) era um termo específico, provavelmente de origem mediterrânea, aplicado para as tribos que migraram do norte europeu em direção ao sul e ao sudeste.

aparência física, nem apenas ao corpo biológico, pois o entendemos como uma manifestação de elementos sociais, culturais e históricos: “ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta” (BORDO, 1997, p: 19). Ao pensarmos o corpo, nos deparamos com uma obra em aberto, inconclusa, da mesma forma que as bases culturais que o constituem, nomeiam e transformam (VELLOSO, 2009, p: 15). Dialogando com Marcel Mauss (2011), cremos que o corpo seria o instrumento mais antigo do ser humano, e os indivíduos de cada sociedade o utilizariam de forma distinta, assim como cada objeto é diferente e é utilizado de forma diferente quando comparamos dois grupos sociais distintos. As técnicas corporais são o meio como o homem sabe utilizar-se de seu corpo de forma tradicional. Desse modo, práticas que parecem imanentes ao ser, na verdade são histórica e culturalmente construídas.

Para Mauss a educação e a imitação seriam as formas com as quais os indivíduos aprenderiam como agir adequadamente no meio em que vivem, as técnicas militares também se encaixam nos princípios das técnicas corporais. No campo de batalha, um espaço de conflito, a forma de utilização do corpo carrega traços da tradição de cada sociedade. Da mesma maneira que a mulher maori ensina a sua filha a fazer o *onioi*, os celtas foram ensinados a

portarem-se de determinada maneira por seus antepassados, assim como aprenderam a utilizar determinados objetos para aperfeiçoar as sua habilidade em batalha (MAUSS, 2011, p: 405). As técnicas são transmitidas pelos antepassados e cada sociedade dispõe de seu próprio conjunto de costumes, logo um grupo distingue-se do outro na forma de utilizar-se do corpo. Da mesma forma que ingleses e franceses marcham diferentemente, os guerreiros gauleses e os legionários romanos portavam-se de maneiras distintas em campo de batalha. Sendo a guerra uma forma de ritual que agrega todo um grupo simbólico de crenças tradicionais, as práticas gaulesas por vezes induziram a interpretações romanas equivocadas que deram origem a um estereótipo de guerreiro celta.

César, por sua vez, devido ao contato direto com os gauleses, por meio de negociações diplomáticas, encontros com generais em batalha, entre outras situações em que ocorreu algum tipo de comunicação, nos transmitiu uma visão dos celtas menos obscurecida pela imagem pré-concebida que muitos dos romanos e gregos do seu tempo compartilhavam. É importante ressaltar, todavia, que não podemos entender os relatos de César como imparciais ou “verdadeiros”, pois tais relatos constroem apenas a representação dos povos com que César entrou em contato (GRUEN, 2011, p: 148). Seja como for, é possível, mediante a análise histórica, compreender que tipo de retrato o autor tentou transmitir para os seus leitores.

Os *Comentários* de César

Júlio César, durante o consulado de Lúcio Calpúrnio e Aulo Gabínio, em 58 a.C., tornou-se responsável pelas províncias da Gália Cisalpina e do Ilírio, e, posteriormente, da Gália Transalpina. Podemos conjecturar que o sucesso de suas futuras investidas militares não era previstos naquele momento. Riggsby (2006, p: 67-68), porém, propõe que a “conquista total” das Gálias, tornou-se, num determinado momento, um dos objetivos da agenda política de César. Segundo o autor, por meio dos *Comentários* é possível identificar um esforço de delimitação dos territórios pertencentes aos três grupos que, de acordo com César, habitavam as Gálias, sendo que em uma parte “[...] habitam os belgas, em outra os aquitanos, e na terceira habitam os que em sua língua se chamam celtas e na nossa, galos. Todos esses se diferenciam entre si em língua, costumes e leis” (*BG*, 1-1). Além da linha divisória que demarcava o espaço dos habitantes das Gálias estariam os germanos, que, de acordo com César, seriam distintos dos gauleses em quase todos os aspectos. Essa nítida diferenciação entre gauleses e germanos já indica a demarcação da abrangência da tarefa militar que teria pela frente.

Com o objetivo de acumulação de riqueza para a realização suas ambições políticas (UNGERN-STERNBERG, 2011, p: 102), para associar a sua imagem a de seu tio Mário, que havia afastado os Cimbros e Teutões, e outras tribos gaulesas e germânicas, do

território romano (CANFORA, 2002, p: 123), ou, também, para a acumulação de glória por meio da “conquista total” de um povo (RIGSBY, 2006, p: 68), o fato é que o fator imediato que desencadeou a invasão das Gálias por César foi o início do deslocamento dos helvécios em busca de novos territórios na Gália. Os helvécios eram uma tribo de origem gaulesa, que ocupava um pequeno território na Gália Céltica que compreenderia parte da atual Suíça, seus habitantes foram descritos por César como “os mais valentes entre os gauleses, pois quase todos os dias travam lutas contra os germanos, seja para defesa de suas fronteiras ou para tomar as deles” (*BG* 1-1). O projeto migratório dos helvécios teve como principal motivo a própria localização e tamanho do território, além de ser muito pequeno e estreito para sua população, estavam cercados por todos os lados: de um lado pelo Reno, rio muito profundo, que os dividia da Germânia; do outro lado erguia-se o monte Jura, separando-os dos séquanos; e por fim o lago Léman e pelo rio Ródano, que os aparta dos territórios romanos além dos Alpes (*BG* 1-2). César lhes nega, então, passagem pelos territórios romanos transalpinos no mesmo ano em que recebeu suas responsabilidades como prôconsul, este caminho seria o mais fácil a ser percorrido pela tribo em movimento. Trazendo à memória o assassinato do cônsul Lucio Cássio pelos helvécios, alega que “não acreditava que se os deixasse passar pela Província, esses homens de tão mau coração se contivessem em não fazer nenhum mal ou

dano” (*BG* 1-7-4). Os helvécios, que foram derrotados em todas as tentativas de vencer as legiões romanas após a resposta negativa de César ao pedido de passagem, estudam outras opções e terminam por realizar um acordo com os séquanos, passando, assim, pelo seu território. César, então, empreende uma campanha militar além das fronteiras, com a justificativa de proteger os aliados éduos e derrotar os helvécios, fazendo com que voltassem ao seu território original, pois, se não retornassem, abririam caminho para o assentamento de germanos, mais perigosos e violentos que os gauleses, numa região próxima a província romana transalpina.

A incursão contra os helvécios abriu as portas das Gálias para a intervenção romana nos conflitos entre as tribos gaulesas e logo levou à submissão de muitas dessas tribos ao poderio romano. Nos oitos anos narrados em seus livros, César disserta acerca das batalhas e dos acordos travados entre as legiões romanas e as mais de 121 tribos gaulesas e germanas citadas. Os relatos são, em sua maioria, sobre situações de conflito militar, proporcionando ricas informações sobre o poderio bélico gaulês e sobre suas táticas de batalha, em comparação com as técnicas bélicas romanas, além das preciosas, porém restritas, informações “etnográficas” de César acerca das sociedades gaulesa e germânica (RIGSBBY, 2006, p. 63). Woolf (1998, p. 8) afirma que César, ao dividir a elite gaulesa em duas partes, no seu sexto livro, estaria promovendo uma descrição mais próxima das características sociopolíticas dos éduos,

antigos aliados romanos. Estes habitavam a região vizinha aos territórios romanos na Transalpina e eram uma das tribos de maior influência nas Gálias, liderando uma das facções em que se dividiam os gauleses, a outra se encontrava, sob o comando dos séquanos. À época, um grande número de tribos se encontrava sob a esfera de influência dos éduos (BG 6-12-1).

Em sua narrativa, César denomina a elite guerreira gaulesa curiosamente de *equites*, termo utilizado para os membros da ordem equestre, em Roma. É importante ressaltar que o emprego de termos romanos para nomear instituições e grupos sociais gauleses por César não ocorre apenas nessa ocasião. As reflexões acerca dessa prática nos abre um leque de interpretações. Para alguns, a opção de César por utilizar termos latinos para descrever a sociedade gaulesa estaria diretamente ligada à sua tarefa de delimitar as diferenças entre os germanos e os gauleses, estando estes últimos mais próximos da “civilização” romana. Outros consideram a utilização de vocábulo latino na descrição das instituições políticas apenas como uma ferramenta para facilitar a transmissão de informações aos romanos, leitores da obra.

Os *equites* de César e o corpo do guerreiro

Os *equites* constituíam, para César, a elite guerreira da sociedade gaulesa, que:

Quando seus serviços são requeridos em alguma guerra iniciada – que antes da vinda de César ocorria quase todos os anos, fosse ofensiva ou defensiva – eles todos se apresentam para lutar, e quando um é mais nobre e mais rico, maior é o acompanhamento que leva de dependentes e criados, os quais são os únicos fatores distintivos de sua grandeza e poder (BG 6-15).

A escolha desse termo provavelmente se conecta com a poderosa cavalaria gaulesa, que era composta pelos membros da elite. É nesse ponto que a retomada da discussão teórica acerca dos estereótipos, da representação do corpo do outro e do corpo como um instrumento para a implementação de técnicas que se distinguem em cada sociedade faz-se necessária. Como dissemos anteriormente, as modalidades de utilização do corpo podem se alterar conforme a sociedade em questão e suas necessidades. A própria transformação da cavalaria gaulesa no setor mais forte e melhor treinado do exército ocorreu por meio das transformações de suas técnicas militares tradicionais. Cunliffe (1999, p: 100), ao analisar os diversos relatos acerca da forma de guerra céltica, supõe que antes da cavalaria se tornar a principal força do exército, este lugar havia sido ocupado pelo carro de guerra, que, de acordo com os achados arqueológicos, eram puxados por dois cavalos e carregavam um condutor e um guerreiro. César entrou em contato com esse tipo de técnica militar quando enfrentou as populações da Bretanha, vejamos seu relato:

Seu modo de guerrear é este: Primeiramente correm por todas as partes, jogando dardos; o espanto com cavalos e o estrondoso barulho das rodas das carruagens desordenam as fileiras, e se, por acaso, ficarem em meio a cavalaria, desmontam do que os carrega e lutam à pé. Os condutores, por sua vez, retiram-se em alguns passos do campo de batalha e ficam em postos de modo que, se o combatente se ver cercado pelo inimigo, possa voltar para o asilo da carruagem. Assim, juntam na batalha a agilidade da cavalaria e a consistência da infantaria (*BG* 4-33).

O autor considera esta técnica de combate muito vantajosa para o exército gaulês. É curioso, entretanto, que as populações das Gálias tenham abandonado o uso desse instrumento de guerra logo após intensificar seu contato com as civilizações mediterrânicas. De fato, a partir do século III a.C. a cavalaria começou a se tornar mais importante no cenário militar grecorromano, e os gauleses, já tradicionalmente familiarizados com a utilização do cavalo para fins militares, se tornam cavaleiros, tendo sido contratados em grande quantidade por Aníbal na Segunda Guerra Púnica (CUNLIFFE, 1999, p: 104). A gradual extinção do uso do carro de guerra levou à agregação de novos elementos a indumentária do cavaleiro. As espadas cresceram significativamente, chegando a medir, na época de César, cerca de 90 centímetros, muito comprida para que pudesse ser usada com conforto pela infantaria.

Outro costume militar muito comum no século IV a.C. e que aos poucos, em função do aumento do contato das populações gaulesas com os povos mediterrâneos, tendeu a desaparecer entre os

celtas é a forma pela qual um determinado conflito poderia ser decidido. Séculos antes das incursões militares de César nas Gálias, a decisão de embates das mais variadas naturezas poderia ser limitada, por convenção, ao confronto de “heróis” selecionados, que se engajariam num combate público individual. Esse tipo de conflito não era inédito em meio a sociedades na Antiguidade, mas associá-lo aos guerreiros gauleses pode nos auxiliar em algumas reflexões acerca do lugar social do guerreiro gaulês e das visões acerca de seu corpo. O guerreiro que luta individualmente contra seu oponente expõe-se à observação, recebendo admiração ou ódio, glória ou vergonha. Cunliffe (1999, p: 102) cita exemplos retirados dos relatos de Tito Lívio sobre o combate singular, um deles entre o romano Mânlio contra um guerreiro celta que o havia desafiado e o outro sobre o confronto entre o tribuno Valério e um líder de guerra celta. Valério, por causa de sua posição política, pediu permissão ao cônsul romano antes de aceitar o desafio de seu oponente. Em ambas as histórias o vencedor foi romano. Valério recebeu um codinome por sua vitória, *Corvinus* (Corvo), pois um corvo teria pousado em seu elmo e cegado o seu oponente celta e determinando a sua vitória.

Lourenço (2008, p: 29) expõe essa prática de combate no épico mitológico irlandês *O rapto das vacas de Cooley*, que conta a história do conflito entre os governantes de Connaught e de Ulster sobre a posse do touro divino. No decorrer da narrativa o guerreiro

celta Cuchulainn, lutando por Ulster, engaja combates singulares contra vários oponentes, expondo, ao final, suas cabeças decapitadas. Num determinado momento, quando se encontrava muito ferido em batalha, sua coragem, cólera, força e ardor de guerreiro são representados no texto por meio de um calor sem igual, que emanava de seu corpo, impossibilitando os outros a chegarem perto dele:

[...] A neve fundiu a trinta pés de cada lado dele, por causa da elevação do calor do guerreiro e por causa do calor do corpo de Chuchulainn. O rapaz (oponente de Chuchulainn) não pôde ficar próximo dele por causa da grandeza de sua cólera e do ardor do guerreiro e por cauda do calor do seu corpo (GUYONVARC'H, 1994, p: 104 apud LOURENÇO, 2008, p: 30).

O furor do guerreiro celta não se extingue com o abandono do combate singular público. Escritores gregos e romanos de períodos posteriores continuam descrevendo os celtas como dotados de extrema ferocidade, empregando cólera e força no momento do primeiro ataque, quando pareciam jogar todo o peso do corpo sobre a espada e o inimigo. Sua fúria em batalha sempre é mencionada, às vezes como um atributo positivo, às vezes como uma característica negativa de “bárbaro”. A busca por reconhecimento individual também não se extinguiu, podendo ser interpretada, muitas vezes, por meio do que os escritores caracterizam como “falta de organização” e “ausência de unidade em batalha”. Os pontos que

queremos realçar com essa discussão são o *status* de guerreiro na sociedade céltica, pois torna-se claro que, mesmo após o abandono da prática de combate individual, o guerreiro continua a fazer parte da elite gaulesa. Seu lugar social como combatentes os coloca ao lado dos druidas, componentes de grande importância da elite. Entre as suas funções, César destaca:

[...] se ocupam com coisas religiosas, presidem os sacrifícios públicos e privados e interpretam os mistérios da religião. Um grande número de jovens vem estudar com eles; e eles são muito admirados. São os druidas que decidem acerca de quase todas as contestações públicas e privadas; se alguém comete algum delito, se acontece alguma morte, ou se há alguma contestação sobre herança ou limite de terra, são eles que decidem; determinam os prêmios e os castigos; qualquer pessoa [...] que não se render a sua sentença é excomungada, que para eles é a pena mais grave [...] (BG 6-13-4).

Os druidas, de acordo com os *Comentários*, também tem um papel importante na formação dos guerreiros, pois “se esforçam em ensinar sobre a imortalidade da alma e sua transmigração de um corpo para outros, cuja crença julgam ser um grande incentivo para a coragem, podendo afastar o temor da morte” (BG 6-15-6).

Considerações finais

O guerreiro gaúlês pode ser pensado como um corpo que agrega as características físicas, sociais e culturais próprias da tradição gaulesa, como, por exemplo, o cuidado com a manutenção

de um porte atlético, evidenciado pelos relatos de Aristóteles acerca das punições aos homens que estivessem obesos; ou a tradição dos membros da elite de retirar os pelos da face, deixando apenas um comprido bigode que quase lhes cobria a boca. Vemos também a utilização de vários adornos de ouro no corpo, principalmente em volta do pescoço, presente em representações de gauleses na arte romana, assim como, as importantes demonstrações sociais de *status* e prestígio por meio dos festins, eventos altamente hierarquizados e de extrema importância na sociedade céltica.

A análise dos *Comentários* para a problematização do corpo do outro possibilita uma nova visão acerca do mundo romano e das relações entre romanos e não romanos, assim como uma possível interpretação dos atributos que aparecem designados genericamente pelos textos clássicos para grande parte das tribos célticas e grupos das regiões gaulesas. As características que a tradição envolve ao guerreiro, se exprimem no corpo do indivíduo que se encarrega dessa função social. De fato o comportamento adequado do indivíduo passa por critérios e são sancionados pela aprovação ou a desaprovação coletiva dos indivíduos que integram a sociedade na qual está inserido. Dessa forma, o corpo, compreendido como a forma mais visível de exibição cultural e instrumento por meio do qual o homem se relaciona com o meio e o com *outro*, se mostra de extrema importância no momento em que uma sociedade é interpretada por outra. O físico, a indumentária, os

gestos e as técnicas em batalha são os primeiros atributos passíveis de interpretação no momento em que dois grupos culturais distintos se confrontam. César, por meio de seus *Comentários*, nos lega diversas informações que nos permitem captar uma representação do guerreiro gaulês, que faz deles homens corajosos, fortes, e senhores de um importante lugar na sociedade céltica. Acreditamos que a pesquisa por este viés é capaz de proporcionar interpretações das relações entre as sociedades antigas que fujam das dicotomias e noções modernas que a historiografia da Antiguidade ainda não abandonou por completo.

Referências

Documentação primária impressa

CÉSAR, Júlio. *Comentario de las guerras de las Galias*. Traducción de José Goya y Muniain. Buenos Aires: Claridad, 2008.

Referências complementares

BORDO, Susan R. “O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault.” In: JAGGAR, A. M., BORDO, S. R. (Org.) **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.

CANFORA, L. **Julio César: O ditador democrático**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

CUNLIFFE, B. *The Ancient Celts*. London: Penguin Books, 1999.

CUNLIFFE, B. *The Celts: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DERKS, T.; ROYMANS, N. (ed.). *Ethnic Constructs in Antiquity: The Role of Power and Tradition*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.

GREINER, C. **O corpo**: pistas para estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.

GRUEN, E. S. (Org.). *Cultural Identity in the Ancient Mediterranean*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2010.

GRUEN, E. S. *Rethinking the Other in Antiquity*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2011.

GUARINELLO, Luiz Norberto. Ordem, integração e fronteiras no império romano. Um ensaio. *Mare Nostrum*, v. 1, p. 113 - 127, 2010.

GUYONVARCH, C. (Trad.). *La Razzia des Vaches de Cooley*. Paris: Gallimard, 1994. HINGLEY, R. *Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire*. London: Routledge, 2005.

KRAUS, C. Bellum Gallicum. In: GRIFFIN, M. (ed.). *A Companion to Julius Caesar*. Oxford: Blackwell Publishing, 2009.

LOURENÇO, F. **O papel dos druidas na sociedade céltica na Gália nos séculos II e I a.C.** Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2008.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

RIGGSBY, A. M. *Caesar in Gaul and Rome: war in words.* Texas: University of Texas Press, 2006.

RODRIGUES, J. C. Os corpos na Antropologia. In: **Olhares do Corpo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

UNGERN-STERBERG, J. *The crisis of the Republic.* In: FLOWER, H. I. (ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Republic.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VELLOSO, M. P. *et alli.* *Corpo: uma obra inconclusa.* In: **Corpo: identidades, memórias e subjetividades.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

WILLIAMS, J. H. C. *Beyond the Rubicon: Romans and Gauls in Republican Italy.* Oxford: Clarendon Press, 2001.

WOOLF, G. *Becoming Roman: The origins of provincial civilization in Gaul.* Cambridge: Cambridge University Press, 1998.